

Do ateliê aos cafés da capital

Débora Amorim, 48 anos, passou anos tendo interesse pelo universo das cerâmicas, mas, com outras prioridades, a fotógrafa, doula e massagista nunca havia investido tempo e dinheiro na área. Um mês antes do início da pandemia, foi convidada a participar de um curso e resolveu aceitar a proposta para conhecer melhor a arte. Com a suspensão de suas outras fontes de renda, por causa do lockdown, resolveu usar o tempo livre para se dedicar mais à cerâmica e transformar aquilo em um trabalho rentável.

Usando o dinheiro da venda das primeiras peças para conseguir continuar pagando o curso, Débora, foi, aos poucos, evoluindo suas habilidades e aumentando a complexidade das peças, trocando de ateliês, participando de feiras e eventos da área até chegar na profissionalização que se encontra atualmente, quase três anos depois.

O processo de produção não é tão simples quanto parece. A artista explica que, além de técnica, estudo e prática, é preciso muita paciência. É necessário todo dia fazer a limpeza do ateliê, separar as ferramentas, organizar a mesa de trabalho, reservar argila para reciclagem, sovar a massa, criar a peça, preparar a massa, secar, pintar, fazer acabamentos, queima, esmaltação... e diversos outros processos que essa linha de produção exige. Mesmo que necessite de muita dedicação e esforço, o trabalho final é recompensante e o processo, terapêutico.

Feira autoral

Rodrigo Machado, antes de ceramista é assessor cultural e, junto com Débora, idealizou a Feira Itinerante de Cerâmica Autoral, um projeto de artistas locais para artistas locais. A feira conta com a exposição de peças utilitárias e decorativas que transmitem a individualidade e a essência de cada artista. O grupo de ceramistas foi criado pelo Instagram (@feiradeceramicaaautoral) e, hoje, conta com mais de 48 profissionais que se revezam durante as edições da feira.

De todo o aprendizado trazido pela cerâmica, Rodrigo destaca a troca com as pessoas do grupo, como parte essencial do processo. “É uma turma muito generosa, muito bacana de lidar. As trocas que acontecem, os encontros, são sempre muito amorosos. Os olhares e o apoio que cada um dá ao outro trazem essa sensação de união entre pessoas que não se veem como concorrentes.”

Além da oportunidade de venda que o evento presencial — normalmente em cafés espalha-



Ceramista Rodrigo Machado

Item decorativo



Adorno em cerâmica



Jarro de cerâmica



dos pelo Distrito Federal — traz, é sempre um momento de confraternização e troca de experiência, técnica, e afeto entre os artistas e o público. “A gente só está de mãos dadas, se abraçando e se apoiando nessa empreitada que, para muitos, é nova, mas, para alguns, já é uma profissão de longo tempo, então tem muita troca.”

O primeiro encontro foi no Quanto Café, na Asa Norte, no final de dezembro de 2021. Hoje, a feira já passou por sete edições em cafés espalhados por Brasília, a próxima já está marcada para o próximo domingo, no Bambu Brasil Café & Bistrô, na comercial da 214 Norte, das 10h às 18h.

Sempre fissurado pelo mundo das artes, Rodrigo já havia feito aulas de música, pintura e teatro antes de se envolver com a cerâmica. Entrou em um curso dias antes do período de confinamento, assim como Débora, e aproveitou os meses seguintes para se dedicar integralmente à nova paixão.

Montou um ateliê em seu apartamento, que logo ficou pequeno e precisou ser deslocado para um estúdio mais confortável. Após meses de aulas, workshops e vídeos no YouTube, o negócio, que antes era apenas direcionado aos amigos e familiares, foi tendo uma maior repercussão.

Rodrigo conta que, quando começa a produção das peças, desliga-se do mundo exterior e se conecta 100% com a experiência que está vivendo. “É um momento de bastante introspecção e de encontro comigo mesmo, é quase meditativo.”

Como um meio de fuga do excesso de redes sociais ele dedica de cinco a seis horas diárias

a esse processo. “A cerâmica representa tranquilidade, suavidade, leveza, desafio e um olhar interior. É limpeza também, uma vez que eu acredito que a argila absorve muito da energia e da carga pesada que está acumulada em mim.”

Mesmo se inspirando no trabalho de outros ceramistas espalhados pelo mundo, ele deixa, muitas vezes, a intuição conduzir seu trabalho, sem ter muita ideia de onde quer chegar ao começar a produção. Distanciando-se cada vez mais da produção de utilitários — canecas, copos, jarras, pratos —, o artista vem se aventurando no universo das artes visuais com as peças escultóricas.

A volta da vida de assessor afastou um pouco Rodrigo do ateliê, mas sem deixar esse hobby — que virou profissão — de lado, ele vem se esforçando para conciliar a nova atividade com a antiga rotina.